

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Áreas de Conservação 26
 Data: 28/01/94 Pg.: 13

Favelização é ameaça às florestas do Rio

■ A falta de vigilância permite a crescente invasão das áreas verdes, que são protegidas por leis municipais, estaduais e federais

Marco Antonio Cavalcanti

Ameaçadas pela favelização, as 84 Áreas de Conservação da Natureza do Rio sofrem com a falta de segurança. Apenas 26 guardas do Instituto Estadual de Florestas (IEF) e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente fiscalizam essas regiões. As próprias autoridades se confessam impotentes. "É preciso criar uma forma de atuação eficaz, o que não existe", admite o superintendente da secretaria, Celso Bredariol.

Ele conta que foram pedidos 800 homens para vigiar os parques da cidade e reforçar a fiscalização municipal, que tem 11 pessoas e um carro. O superintendente do IEF, Axel Graef, que conta com 15 fiscais para a cidade, sonha: "Se é para funcionar como Yellowstone (parque americano), precisaríamos de três mil homens". Mas a segurança é apenas um dos problemas. Bredariol não soube quantificar a área sob responsabilidade do município. "A gente está fazendo este levantamento agora", justificou.

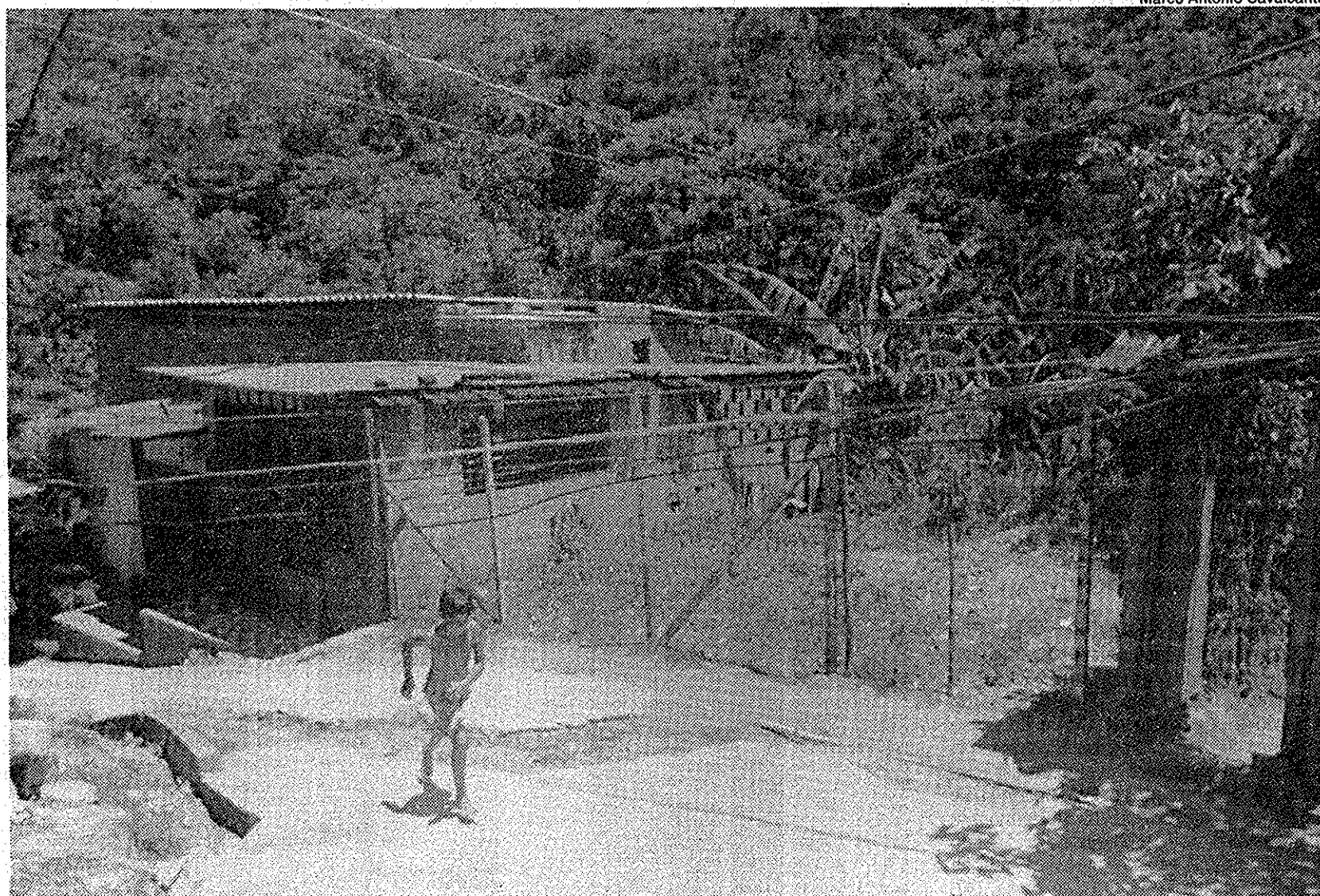
Segundo o Iplan, as 84 áreas protegidas estão divididas em oito categorias: 15 Áreas de Proteção Ambiental, 16 Áreas de Preservação Permanente, duas Áreas de Relevante Interesse Ecológico; quatro reservas; 14 tombamentos; oito parques; 24 florestas; e um horto. O que dá um fiscal para cada 3,23 áreas de conservação. O superin-

tendente regional do Ibama, Dinamir Velasques Ribeiro, procurado durante dois dias, não foi encontrado. Ontem, no Ibama, na ausência dele — que estava numa reunião externa —, não havia ninguém habilitado a falar.

A falta de política específica e infra-estrutura favorece o desenvolvimento de favelas. Na Pedra Branca, há locais sob proteção de legislação federal, estadual e municipal — como a Floresta do Pau da Fome, mas isso não impede que lá exista uma favela de 100 casas. A comunidade nasceu há muito tempo e, segundo as autoridades, não cresce graças a um acordo e a um trabalho de educação ambiental.

Anteontem, contudo, o **JORNAL DO BRASIL** constatou construções recentes e algumas em andamento favela. O lixo se amontoa às margens do rio. Além disso, os moradores fazem *gatos* no relógio de força do parque. Os fios em meio às árvores lembram uma gigantesca teia de aranha.

"Tenho certeza que a educação ambiental é a saída. Não é ação policial que vai conter a favelização. Se jogarmos a polícia em cima provocamos uma guerra civil", irrita-se Graef. Já Bredariol acha que a solução é a soma de política habitacional com educação ambiental e reflorestamento.



Os 100 barracos da Favela do Pau da Fome desviam energia do relógio de luz do Parque da Pedra Branca e os fios se misturam às árvores.